

INTRODUÇÃO

Como acontece com quase todos os problemas sociais, o cangaço também teve as suas causas, a sua ambiência, a sua época. Em 1917, Gustavo Barroso⁽¹⁾, num excelente trabalho, estudou essa época, essa ambiência, essas causas, com uma penetração sociológica pouco comum àquele tempo. Situando o *habitat* do banditismo nordestino entre o vale do Cariri e o rio São Francisco, estendendo-se da serra do Quicuncá à do Martins, daí às faldas da Borborema e aos contrafortes da Baixa Verde e dos Dois Irmãos, região que aglutina as fronteiras de sete Estados - Pernambuco, Bahia, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Sergipe - o escritor nordestino soube analisar o homem e o meio para, a seu modo, embora um tanto ou quanto controverso, apontar as principais causas que originaram e alimentaram, por mais de cinco décadas, o flagelo do cangaço no chamado polígono das secas.

A complexidade do fenômeno não deixa de ser uma decorrência das causas também complexas que, sem obedecer a nenhuma lei social, caminharam, de mãos dadas, com os efeitos a tal ponto de se misturarem, num processo sociológico de interação.

O clima, a fome, o analfabetismo, a cachaça, o jogo, a falta de comunicação motivada pelo problema da distância, o sadismo das forças policiais, o poder absoluto dos *coronéis* chefes políticos, a injustiça social, a decadência do Tribunal do Júri funcionando como mamulengo dos poderosos, o rígido código de honra dos sertanejos, o culto a bravura e ao heroísmo, a cumplicidade do homem do campo em troca de proteção e as questões de terra foram causas que motivaram os primeiros passos dos que abraçaram a vida do cangaço.

Além de Gustavo Barroso, outros estudiosos procuraram, à luz de suas ciências, explicar o fenômeno. Euclides da Cunha⁽²⁾ lembrou: "os estigmas degenerativos das três raças". O antropólogo Nina Rodrigues⁽³⁾ chegou a afirmar que a "criminalidade do mestiço brasileiro está ligada às más condições antropológicas da mestiçagem no Brasil". O romancista José América de Almeida não comunga do ponto de vista de que a falta de transporte e de comunicação tenham sido responsáveis pela existência do cangaço, de vez que "Lampião viajou com seu bando em caminhões e ocupou cidades servidas por telégrafo".

Autor de um excelente trabalho sobre o cangaço, Rui Faço⁽⁴⁾ tem seu modo próprio de enfocar o problema, ajuntando às causas já mencionadas, outras tantas como, por exemplo, a de que tenha sido o cangaço uma réplica à ruína e decadência do latifúndio quase feudal.

Terá, por acaso, o cangaço deixado de existir ou é apenas uma fotografia do passado?

O sertão mudou muito. Foi saneado. Boas estradas pavimentadas foram construídas. Delegacias regionais de polícia, interligadas por rádio, foram criadas. Os coronéis, que tinham o poder do quero, mando e posso em suas mãos, descansam em paz.

O que está acontecendo é a urbanização do cangaço. Quadrilhas atuam nas cidades de grande e médio portes, comandadas até por bacharéis, agindo em obediência a planos pré-estabelecidos. O chapéu de couro do cangaceiro caiu no desuso. A *pragata de rabicho* foi trocada por modernos tênis. Os papo-amarelos foram substituídos por metralhadoras e espingardas 12. O cavalo cedeu seu lugar aos *opalas* com motores envenenados. O universo de ação deixou de ser a

caatinga sertaneja para ser o asfalto da selva de pedras. O cangaço não desapareceu. Trocou de ambiência. Mudou os *instrumentos de trabalho*. Modernizou-se.

Esta pesquisa foi gerada na Fundação Joaquim Nabuco, de parceria com Lúcia Gaspar, diretora da Biblioteca Blanche Knoop da mencionada instituição, a quem entreguei as referências bibliográficas que foram por ela aumentadas, principalmente no âmbito internacional. Minha parceira também arrumou as referências nas prateleiras da biblioteconomia, em obediência às normas de sua ciência, enriquecendo, ainda, esta pesquisa com um índice de autores e outro de títulos.

Esperamos haver elaborado um trabalho que venha a ser útil aos estudiosos do assunto.

Mário Souto Maior

Bibliografia

BARROSO, Gustavo. *Heróis e bandidos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917. CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

RODRIGUES, Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Salvador, 1957.

ALMEIDA, José América de. *A Paraíba e seus problemas*. Porto Alegre, 1937.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

Fonte: MAIOR, Mário Solto; GASPAR, Lúcia. *Cangaço: algumas referências bibliográficas*. Recife: 20 - 20 Comunicação e Editora, 1999, 86 p.